**O eu**

O que posso dizer acerca de mim? Talvez nada porque não sou muito boa com introspeções, “não somos bons juízes em própria causa” e provavelmente iria avaliar-me de uma forma diferente do que a avaliação que os outros fazem de mim. Apenas sei que faço parte de uma espécie tão complexa e que, por acaso, estudei… o ser humano.

E é esse o ponto de partida, o ser humano.

 “Ah, sais-te mesmo à tua mãe”, “Estás tão diferente desde que foste para Inglaterra”. São frases do nosso quotidiano que de uma forma ou de outra chegámos a ouvir e que de uma forma curiosa expõem uma das problemáticas da psicologia: o peso da hereditariedade e o peso do meio. Qual influencia mais o individuo?

Irei falar sempre na primeira pessoa e aplicar os conceitos a mim mesma. A especificidade está relacionada com a genética, com a cultura com o cérebro e com a história pessoal. Eu sou determinada (primeiramente) biologicamente através dos genes (com as informações genéticas relativas a uma determinada característica), cromossomas (existentes no núcleo das células que contêm o adn e proteínas) e adn fornecido pelos meus pais à nascença. Assim, começamos por ter um genótipo que posteriormente determina meu fenótipo. Que depois me fornece a ontogénese (desenvolvimento individual) que mais tarde determina a filogénese (desenvolvimento da espécie).

Tenho um programa genético aberto, o que fez com que tenha tido um longo período de infância e aprendizagem (neotenia), para poder desta forma adquirir inúmeras vantagens adaptativas.

Quanto ao cérebro, que também faz parte de mim, é constituído pela espinal meedula e pelo encéfalo e os neurónios que comunicam entre si através da sinapse.

Este funciona como um todo, (pré-frontais responsáveis pela nossa memória, personalidade, reflexão, consciência, decisão; as áreas temporais, responsáveis pela nossa audição; as áreas occipitais, responsáveis pela visão e as áreas parietais, responsáveis pelas nossas sensações, à capacidade de plasticidade, à aprendizagem, à lentificação e a individuação.

As relações que estabeleço com os outros são importantes para a constituição do Eu. A minha cultura (conjunto de crenças, valores, leis e tradições) conduz-me a um padrão cultural que dificilmente deixará de o ser, a não ser que haja aculturação. As minhas vivências e experiências e memórias fazem de mim aquilo que sou, fazem de mim diferente de qualquer outra pessoa.

Tal como uma das minhas músicas preferidas diz, “don´t be just another brick in the Wall”, podemos comparar a espécie humana a um muro gigantesco e cada um de nós um tijolo, muito semelhantes, completam-se uns aos outros, têm um papel importante na formação do muro mas cada um tem a sua história, a sua identidade e cada um tem que expressar essa mesma identidade e se preferência, não sofrendo nenhum tipo de preconceito.

